

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



Edwaldo Costa  
(Organizador)

  
Atena  
Editora  
Ano 2021

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



Edwaldo Costa  
(Organizador)

  
Atena  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Edwaldo Costa

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação /  
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-870-0

DOI 10.22533/at.ed.700211103

1. Comunicação. 2. Mídia. I. Costa, Edwaldo  
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação é apenas um breve panorama da produção e reflexão acadêmica na área, contemplando a produção de dois e-books, que reúnem não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização e conflitos de informação. Neste e-book 1, apresentamos 26 capítulos de 35 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada. A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”.

Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens. Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer precária. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos.

Trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre comunicação, concepções de linguagem, redes sociais, jornalismo, produção de conteúdo, *fake news*, pandemia, inteligência artificial, pós-verdade, elementos do telejornalismo na educação, *posts*, construção de imagens, misoginia, sexismo, análise do discurso, moda, ciberfeminismo, *stories*, *gifs* animados, produtos midiáticos, imaginário, circuito editorial, relações públicas, comunicação organizacional, comunicação pública, comunicação interna, mídia, estereotipia no jornalismo espanhol, cinema e reality show.

A ideia da coletânea é simples: propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL: DAS CONCEPÇÕES MIGRATÓRIAS À OPERAÇÃO ACOLHIDA	
Edwaldo Costa	
Mariceli Ferreira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.7002111031	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>21</b>
A INTERNET E AS REDES SOCIAIS NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS – DESAFIOS EM MEIO À FLUIDEZ DE MEIOS E MENSAGENS NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SOCIAIS	
Renato de Almeida Vieira e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7002111032	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>34</b>
JORNALISMO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS: TENDÊNCIAS DE LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO	
Pedro Augusto Farnese de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7002111033	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>48</b>
A LEGITIMAÇÃO DA VERDADE ENQUANTO VALOR JORNALÍSTICO DIANTE DA DISSEMINAÇÃO DE <i>FAKE NEWS</i> DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 EM 2020	
Cláudia Regina Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7002111034	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
O QUE É E O QUE PARECE SER: IMAGENS CRIADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO ELEMENTOS ATUANTES NA PÓS-VERDADE	
Fernanda Carvalho Ferrarezi	
Priscila Monteiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.7002111035	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>74</b>
ELEMENTOS DE TELEJORNALISMO NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL DA INTERNET	
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt	
DOI 10.22533/at.ed.7002111036	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>86</b>
COMO OS ACONTECIMENTOS SE TRANSFORMAM EM <i>POSTS</i>	
Claudia Montenegro	
DOI 10.22533/at.ed.7002111037	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>100</b>
A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS PROJETADAS DE JAIR BOLSONARO NO <i>FACEBOOK</i>	

DURANTE AS ELEIÇÕES DE 2018

Jéssica Gomes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.7002111038

**CAPÍTULO 9..... 113**

MISOGINIA E SEXISMO NO TWITTER: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER, EM POSTAGENS EXTRAÍDAS DO PERFIL DA JORNALISTA PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Janete Monteiro Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7002111039

**CAPÍTULO 10..... 123**

A MODA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

Jéssica Cristina de Campos

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

DOI 10.22533/at.ed.70021110310

**CAPÍTULO 11..... 135**

MODICES: REDES SOCIAIS DIGITAIS E CIBERFEMINISMO

Bianca Maciente Colvara

Soraya Maria Vieira Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.70021110311

**CAPÍTULO 12..... 147**

COMPARTILHAMENTO DO COTIDIANO: ACELERAÇÃO E PERFORMANCE MEDIADA NOS *STORIES*

Letícia Porfírio

DOI 10.22533/at.ed.70021110312

**CAPÍTULO 13..... 158**

O USO DE *GIFS* ANIMADOS NAS REDES SOCIAIS

Laura Batista Cintra

Sandra Maria Ribeiro de Souza

DOI 10.22533/at.ed.70021110313

**CAPÍTULO 14..... 173**

BRASILEIROS NO EXTERIOR IDENTIFICAM PRODUTOS MIDIÁTICOS QUE IMPACTAM A REPRESENTAÇÃO DO PAÍS E DO POVO NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO

Roberta Brandalise

DOI 10.22533/at.ed.70021110314

**CAPÍTULO 15..... 184**

CIRCUITO EDITORIAL E DESAFIOS DO SETOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marília de Araujo Barcellos

DOI 10.22533/at.ed.70021110315

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>196</b>
GIGANTES DO MERCADO: A EVOLUÇÃO DAS EMPRESAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS BRASILEIRAS NOS RANKINGS INTERNACIONAIS	
<i>Rafael Alexandre Coelho da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>209</b>
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL A PARTIR DA ÓTICA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES DA SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS	
<i>Layana do Amaral Rios</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>221</b>
CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO INTERNA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
<i>Sylvia Cristina de Azevedo Vitti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>233</b>
UM PANORAMA DAS CORRENTES EUROPEIAS, ESTADUNIDENSES E SUL- AMERICANAS QUE UNEM MÍDIA, JORNALISMO E EDUCAÇÃO NA VIDA DOS CIDADÃOS	
<i>Pedro Neves Fonseca</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>245</b>
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO INTERNA EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO AS COMPANHIAS ESTÃO SE ORGANIZANDO DURANTE A CRISE	
<i>Pâmela Cunha Pinheiro</i>	
<i>Patrícia Cerqueira Reis</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>258</b>
LUZ NO FIM DA QUARENTENA: JORNALISMO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA E INFODEMIA	
<i>Aniele Caroline Avila Madacki</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>271</b>
ESTEREOTIPIA NO JORNALISMO ESPANHOL: A TRADUÇÃO DA CIDADE DE SALVADOR - BA	
<i>Carla Severiano de Carvalho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70021110322</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>285</b>
FOPIN: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CRIAÇÃO DO FESTIVAL DE CINEMA FOCALIZA PARINTINS	
<i>Graciene Silva de Siqueira</i>	

Marcelo Rodrigo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.70021110323

**CAPÍTULO 24.....297**

RELAÇÕES INTERNACIONAIS EM CENA: PRÁTICAS DE ENSINO POR MEIO DO CINEMA

Magno Klein

DOI 10.22533/at.ed.70021110324

**CAPÍTULO 25.....306**

JORNADA DO HERÓI NO REALITY SHOW: PRECONCEITO E PROTAGONISMO NO BBB19

Isadora da Silva Prestes

Iris Yae Tomita

DOI 10.22533/at.ed.70021110325

**CAPÍTULO 26.....318**

II FOPIN: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO 1º EVENTO *ONLINE* DO CURSO DE JORNALISMO DO ICSEZ/UFAM, EM PARINTINS-AM

Marcelo Rodrigo da Silva

Graciene Silva de Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.70021110326

**SOBRE O ORGANIZADOR.....329**

**ÍNDICE REMISSIVO.....330**

# CAPÍTULO 21

## LUZ NO FIM DA QUARENTENA: JORNALISMO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA E INFODEMIA

Data de aceite: 01/03/2021

**Aniele Caroline Avila Madacki**

Universidade de São Paulo  
São Paulo, SP

<http://lattes.cnpq.br/9251492278163863>

Artigo modificado com base no trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

**RESUMO:** Para produzir um grande volume de conteúdo sobre o SARS-CoV-2, repórteres que nunca cobriram as áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação e a editoria de saúde passaram a se encarregar de pautas relacionadas à situação da pandemia. Mas esse diálogo entre jornalistas e cientistas tem os seus desafios: como discutir e informar (sobre) os movimentos da ciência a respeito do SARS-CoV-2 sem gerar mais ansiedade no público? Como fazer jornalismo de divulgação científica em tempos de pandemia e infodemia? Nesse artigo debatemos brevemente como o jornalismo científico precisou se reinventar para cobrir a ciência que estava (está) sendo feita em tempo real. O nosso objeto de estudo é o *podcast* da rádio piauí intitulado *Luz no fim da quarentena* que foi criado, especificamente, para a cobertura da pandemia do novo coronavírus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo científico, pandemia, infodemia, desinformação, *podcast*.

### LUZ NO FIM DA QUARENTENA: SCIENTIFIC JOURNALISM IN THE TIMES OF PANDEMICS AND INFODEMICS

**ABSTRACT:** To inform about the new coronavirus, journalists who haven't ever covered Science, Technology, Innovation and Health editorials had to work in the new coronavirus pandemic's coverage. But this approach and conversation between journalists and the scientists are challenging: how to discuss and inform about the Science's dynamics and the studies about SARS-CoV-2 without making the public feel anxiety? How to do Scientific journalism in the times of pandemics and infodemics? The present article intends to debate, briefly, how the scientific journalism reinvented itself to cover Science during the pandemic of the new coronavirus. Our object of study is a Brazilian *podcast* called "Luz no fim da quarentena", created for the purpose to publicize what Science knows about the new coronavirus.

**KEYWORDS:** Scientific journalism, pandemic, infodemic, desinformation, *podcast*.

### 1 | INTRODUÇÃO

Em maio de 2020, a jornalista estadunidense Maryn McKenna ministrou um curso no Knight Center for Journalism in Americas, intitulado *Journalism in a pandemic: covering covid-19 now and in the future*. Uma das reflexões mais recorrentes dos entrevistados, entre os quais o infectologista Michael Osterholm e a vice-presidente executiva

da farmacêutica Merck, Julie Gerberding, foi sobre a relevância do jornalismo no momento em que o negacionismo recrudescer<sup>1</sup> e a pandemia do novo coronavírus se alastra pelo mundo. Para eles, a produção de conteúdo informativo ajuda a conter a desinformação e contribui para “achatar a curva” de transmissão do vírus.

Para produzir um grande volume de conteúdo sobre o SARS-CoV-2, repórteres que nunca cobriram as áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) e a editoria de saúde passaram a se encarregar de pautas relacionadas à situação de pandemia. Mas esse diálogo entre jornalistas (sobretudo os que não cobrem essas áreas) e os pesquisadores e médicos tem os seus desafios. Foi o que observou a dra. Sylvie Briand, diretora do departamento de Preparação contra Riscos Infecciosos Globais da Organização Mundial da Saúde (OMS), que, em diálogo com McKenna, fez uma instigante reflexão: o Jornalismo, mesmo com a situação de urgência que a pandemia impõe, tem como grande desafio respeitar a “dinâmica da ciência”. Briand falava, obviamente, das ciências biológicas.

E a dinâmica desse subcampo abrange, por exemplo, a busca por remédios e vacinas, os estudos pré-clínicos e os ensaios clínicos randomizados que, geralmente, têm várias fases e podem demorar décadas para apresentarem resultados eficazes e seguros. Também devem ser consideradas as publicações em revistas indexadas e, nesse processo, a revisão dos estudos pelos pares (*peer review*), os eventos de discussão e debate dos dados científicos, como congressos, simpósios, etc. Tudo isso faz uma espécie de “maturação” do conhecimento o que gera consensos nas comunidades acadêmica e científica, consensos a partir dos quais novos estudos e entendimentos podem ser estabelecidos.

No caso do novo coronavírus, que era completamente desconhecido dos cientistas e dos médicos até o início da pandemia, muitos desses procedimentos foram modificados para que um volume maior de dados e informações pudesse ser utilizado por profissionais da saúde e autoridades governamentais. E se o grande desafio dos cientistas era (é) produzir conhecimento sobre o novo coronavírus com a pandemia avançando por diversos países, aos jornalistas cabia (cabe) lidar com a infodemia<sup>2</sup> e, além disso, fazer a divulgação de uma ciência que estava (está) em construção. Mas como discutir e informar (sobre) o SARS-CoV-2, enfatizando a “dinâmica científica”, sem gerar mais ansiedade no público? Ou como fazer jornalismo de divulgação científica em tempos de pandemia e infodemia?

---

1. Considerando-se o contexto global, sabe-se que os chamados grupos negacionistas, que contestam a racionalidade, as evidências e os consensos científicos, têm conquistado inúmeros adeptos, inclusive de figuras que atuam na cena política. Sabe-se também que a ciência, em todo o mundo, tem perdido prestígio. No Brasil, por exemplo, segundo a pesquisa Wellcome Globe Monitor, um terço da população não confia na ciência.

2. A expressão foi cunhada pela primeira vez em 2003 por David Rothkopf no jornal The Washington Post. Na ocasião, o mundo vivia a epidemia de SARS e Rothkopf escreveu um artigo dizendo que além do vírus em si outro fato agravava a situação da saúde pública no mundo: a “epidemia informacional ou infodemia”. Em linhas gerais, ele a definiu como rumores, especulações ou mesmo medo que são espalhados através das redes de tecnologia que acabam interferindo na política, nas economias e até mesmo na segurança pública. Para ele, esse era um fenômeno complexo causado por relações intrincadas de diferentes mídias, desde as redes “informais” (como as da internet) até o que chamamos de “mídias tradicionais” (como jornais, tevê, etc.). Para ler o artigo de David Rothkopf na íntegra acessar: <<https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/>>.

Mobilizados por essas reflexões, analisamos no presente artigo o *podcast* da *rádio piauí* intitulado *Luz no fim da quarentena* que foi criado, especificamente, para a divulgação de pesquisas relacionadas ao novo coronavírus. Nesse texto, procuramos observar, brevemente, se essa produção jornalística pode ser considerada de divulgação científica, isto é, se tem as características do jornalismo científico; e, se sim, como é a estratégia de comunicação nesse momento de pandemia.

## 2 | METODOLOGIA

Esse estudo ampara-se em alguns procedimentos da Análise do Conteúdo, em particular a abordagem qualitativa. Um primeiro aspecto quando se trabalha com essa metodologia é fazer um contato mais geral com o material que se quer investigar, o que é conhecido como “leitura flutuante”, ou, no nosso caso, uma escuta mais geral do programa. À medida que avançamos no reconhecimento do objeto e o problema do estudo ficou mais evidente, fizemos um duplo movimento: (a) procura por bibliografias que nos ajudassem a pensar o jornalismo científico especialmente no momento de pandemia; e (b) audição do material de maneira mais atenta (guiada pelo problema geral) para pensar em maneiras de categorizá-lo e interpretá-lo.

Combinamos dois métodos de “categorização”: o dedutivo que, segundo Roque Moraes (2003), estabelece categorias de separação e classificação do material com base em teorias previamente consultadas, um movimento que parte do geral para o particular; e o método indutivo no qual o analista constrói “as categorias com base nas informações contidas no corpus” (MORAES, 2003, p. 197). Nesta última abordagem, o analista se concentra, antes, no particular (objeto). Segundo o autor, a combinação desses dois tipos de categorização é propícia quando “o pesquisador encaminha transformações gradativas no conjunto inicial de categorias, a partir do exame das informações do corpus de análise” (MORAES, 2003, pp. 197-198), isto é, quando o material, por sua riqueza ou complexidade, propicia a revisão ou expansão das categorias iniciais.

O eixo principal de categorização, adotado a partir do método dedutivo, é baseado na pergunta: *o que o podcast diz?* Poderíamos desdobrar esse questionamento nos seguintes pontos: o podcast em questão fala sobre ciência? Se sim, segue as práticas do jornalismo científico? Como o podcast trabalha a ciência (que está sendo feita em tempo real) nesse momento de pandemia? A partir desse eixo temático mais amplo, pensamos em abordar o material a partir de algumas unidades, que remetem a características do jornalismo científico e que surgiram a partir do contato com o material:

- a.1. Comunicação de ciência (apresentação dos resultados, das metodologias e objetivos de pesquisa);
- a.2. *Modus operandi* da ciência na pandemia;

a.3. Linguagem didática e tradução (ocorrência de analogias, metáforas, formas de contar os “achados” científicos);

a.4. Ampliação temática (informação que não está ligada a resultados, metodologias, isto é, à informação de ciência, porém são assuntos que perpassam a ciência, como a economia, a política, etc.);

a.5. Público a que se destina.

Cabe ressaltar ainda que, até o momento da revisão final desse artigo, o podcast produziu cinquenta e oito episódios de cerca de quinze minutos cada. Para essa análise, no entanto, consideramos um universo amostral menor: os trinta primeiros episódios que foram ao ar entre os dias 3 de abril e 6 de julho de 2020.

### 3 | BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O JORNALISMO CIENTÍFICO

Em artigo de 2010, Wilson da Costa Bueno pontua importantes diferenciações entre a comunicação científica e a divulgação de ciência. Segundo o autor, a primeira é feita *entre e para* a comunidade acadêmica e científica que já está iniciada na linguagem, nos conceitos e métodos aplicados nas pesquisas. Por não “precisar fazer concessões em termos de decodificação do discurso especializado” (BUENO, 2010, p. 2), a linguagem e a comunicação em si são mais técnicas. Também por isso o conteúdo fica mais restrito aos espaços e meios científicos (revistas indexadas, eventos, congressos, palestras, etc.). Quanto aos objetivos, Bueno observa que a comunicação de ciência “visa, basicamente, à *disseminação* de informações especializadas *entre os pares*” (BUENO, 2010, p. 5, grifo nosso).

Já a divulgação científica está mais próxima do que chamamos de jornalismo científico, mas, segundo o autor, não se restringe a ele já que pode ser um “produto” também do entretenimento (quando é abordado por filmes, revistas em quadrinhos, peças de teatro, etc.) e do mercado editorial (com a publicação de livros didáticos e biográficos). Outra peculiaridade desta área é o público que é mais heterogêneo e difuso: são pessoas que, geralmente, não têm tanto contato com as pesquisas científicas e, por isso, demandam uma linguagem menos técnica, menos “abstrata”. Nas palavras do autor, a divulgação científica exige “decodificação e recodificação do discurso especializado, *com utilização de recursos (metáforas, ilustrações ou infográficos)* que podem penalizar a precisão das informações” (BUENO, 2010, p. 3, grifo nosso).

E, se a intenção da comunicação científica é divulgar, entre os pares, os avanços da ciência, na divulgação científica o objetivo é

democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho (BUENO, 2010, p. 5).

Sobre a intenção de “alfabetizar”, Bueno faz algumas ressalvas. Para ele, não basta que a divulgação de ciência se preocupe em “traduzi-la”; é indispensável que se dedique também a

contextualizar dados, fatos e resultados de pesquisa de modo a garantir a sua temporalidade, o desvelamento de intenções e de oportunidades para a sua produção e aplicação. Além disso não deve associar C&T apenas com a expressão desinteressada e descompromissada do talento humano, mas vinculá-las a interesses, aos que as patrocinam e nelas investem para obter lucros (BUENO, 2010, p. 8).

Ou seja, é imprescindível que o jornalista que cobre (ainda que temporariamente) ciência considere também os aspectos econômicos, políticos e culturais implicados neste campo. Tendo esses pontos em mente, é possível apontar uma convergência do pensamento de Wilson da Costa Bueno com a percepção de Yuriy Castelfranchi (2008), em seu artigo *Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática*. Nesse texto, o sociólogo comenta que o jornalista científico consegue “traduzir” os dados científicos para um público que não costuma ter contato com a área, mas que o faz ligando-os ao cotidiano das pessoas, mostrando-lhes o impacto e a importância da ciência em seu *dia a dia*<sup>3</sup>. Além disso, para esse autor, o jornalista que se especializa nesta área deve interpretar e analisar *criticamente* os métodos da ciência e seus mecanismos de produção de conhecimento.

#### 4 | JORNALISMO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pensando especificamente no contexto do surto do SARS-CoV-2, alguns jornalistas entendem que é preciso adaptar o conteúdo. É o que pensam, por exemplo, o acadêmico Gary Schwitzer e a jornalista Megan Molteni. Em entrevista a Maryn McKenna, eles observaram que, para realizar uma cobertura eficaz nesse momento de pandemia, os jornalistas devem explicar com *clareza e precisão* os resultados dos estudos científicos, mas que, para isso, é indispensável entender as pesquisas, suas metodologias, seus objetivos (*endpoints*) e suas eventuais mudanças. É necessário investigar as pesquisas científicas como se faz com qualquer outra história ou fato jornalístico, em outras palavras, não é possível confiar apenas nos *press releases*. A apuração deve ser constante.

Além disso, os jornalistas não devem se envergonhar de serem “outsiders” e devem fazer tanto as perguntas fáceis – para que o público em geral esclareça todas as dúvidas primárias sobre determinado assunto – quanto as chamadas “perguntas difíceis” – de forma a tornar públicos aspectos mais complexos da ciência, como os conflitos de interesse entre

---

3. Esse aspecto é especialmente importante se considerarmos alguns dados como o que o relatório “Wellcome Global Monitor” apontou. Segundo a pesquisa feita em 2018, 20% da população mundial se sente pessoalmente excluída dos benefícios da ciência, ou seja, não vê os impactos das descobertas da ciência em sua vida cotidiana. Essa percepção foi bastante frequente na América do Sul onde 39% da população compartilha essa visão.

governos, financiadores das pesquisas, cientistas e a sociedade. Schwitzer e Molteni sugeriram também que é indispensável abordar a “dinâmica da ciência”: o modo de produção (o propalado “rigor científico”), a temporalidade do *fazer ciência*. No caso específico do novo coronavírus é importante pontuar, para o público, que o conhecimento estava (está) sendo produzido em “tempo real”, logo, há dados que ainda não são consensos para as comunidades científica e acadêmica.

Um público bem informado quanto a esses aspectos pode reforçar a legitimidade do jornalismo à medida que fica menos vulnerável a incompreensões, imprecisões, desentendimentos e mentiras. Além disso, dar visibilidade aos cientistas e às suas formas de trabalho (e não apenas aos seus “achados”) também poderia ajudar a resgatar a confiança do público na ciência.

A partir dos autores mobilizados fica evidente a importância de pensar o jornalismo científico a partir de aspectos próprios desse “campo”, como a linguagem, o público a que se destina, o veículo/ formato em que a informação é divulgada, etc. Mas também é necessária atenção a fatores que estão ligados mais especificamente à forma como falamos da ciência, da sua temporalidade, dos seus padrões éticos, da sua forma de produção e não apenas aos “achados” científicos em si.

## 5 | RESULTADOS

Pensando nas características do jornalismo científico (BUENO, 2010), o público (unidade a.5) do *Luz no fim da quarentena* não se restringe às comunidades científica e acadêmica; é, portanto, mais heterogêneo, “difuso”<sup>4</sup>.

Quanto à linguagem didática e tradução (unidade a.3), observamos que tanto José Roberto de Toledo quanto o prof. Dr. Fernando Reinach demonstraram uma preocupação em realizar a “decodificação e recodificação do discurso especializado” (BUENO, 2010, p. 3). Portanto, metáforas, analogias e outros recursos explicativos são frequentes nos episódios analisados. Por exemplo, no episódio cinco, intitulado *Retardo fatal*, Reinach explicou o porquê de na pandemia estarmos olhando os números que refletem o passado, não o presente. Para elucidar esse conceito, o cientista contou uma história hipotética baseada em uma analogia chamada por ele de “caixa d’água”:

---

4. É importante ressaltar que no Spotify, o *Luz no fim da quarentena* é veiculado no canal do *Foro de Teresina*, que é o principal podcast da *rádio piauí*. Entretanto, parece equivocado dizer que o *Luz* é ouvido apenas por aqueles que já conhecem esses produtos da *revista piauí*, uma vez que são conteúdos gratuitos, veiculados em aplicativos de *streaming*, podendo inclusive ser ouvidos *off-line*. Note-se, porém, que em um dos episódios o prof. Dr. Fernando Reinach, principal colaborador do programa, comentou que a audiência é “esclarecida”, sugerindo, pelo menos, que a *persona* a qual se destina o podcast tem um nível alto de escolaridade. Observe-se ainda que, embora não tenhamos dados mais concretos sobre a audiência em termos de classe social e escolaridade, a linguagem utilizada (expressões em inglês e recorrência do português culto) dá indícios de que o programa é pensado para um público de maior capital cultural e maior poder aquisitivo.

imagina uma caixa d'água, cheia de água. Logo na saída da caixa d'água tem um registro. Nesse registro tá ligado um cano que é muito comprido, muito comprido... Tão comprido que se você abrir o registro agora a água só vai sair na ponta do cano 15 dias depois. Aí eu ponho a Maria controlando o registro e na ponta do cano tem o João que quer encher um balde de água (REINACH, 2020, episódio 5).

Na história contada por Reinach, Maria abria todo o registro, mas a água só começava a chegar para João depois de quinze dias. Esse retardo da água é similar à dinâmica da pandemia, por isso, quando analisamos a incidência de casos estamos sempre olhando para um passado recente de atividades.

Outro programa que trabalhou com essa perspectiva de “tradução didática” foi o vigésimo terceiro, intitulado *Como rastrear o vírus você mesmo* que foi ao ar no dia 11 de junho. Toledo e Reinach fizeram uma espécie de “radionovela” para demonstrar a aplicação prática de uma metodologia de acompanhamento de infectados chamada de “contact tracing”. A “encenação” tinha como base um curso online de rastreamento de infectados feito por Reinach na *Johns Hopikns University*. Toledo fez o papel de um soropositivo para o SARS-CoV-2 e Reinach, o de um rastreador. Importante assinalar que o cientista pontuou o porquê de determinados procedimentos serem adotados (grifos), deixando o ouvinte a par do embasamento científico para a tomada de decisão do rastreador.

- Agora, Toledo, eu vou ter que te fazer algumas perguntas, *porque você é um caso porque testou positivo. Eu vou precisar rastrear os seus contatos (...)*. Bom, quem você encontrou desde quinta a tarde?

- Eu encontrei minha mulher, que mora comigo, e eu fui ao barbeiro no sábado e lá no barbeiro eu tive obviamente um contato com um barbeiro, com um manobrista e com o caixa do barbeiro (...).

- Bom, então o manobrista e o atendente *não são contatos*, não são pessoas que eu tenho que ligar, entendeu, Toledo, *porque você teve uma interação muito rápida com eles*. (...) Já o barbeiro, o que que aconteceu? Você ficou quanto tempo na cadeira mais ou menos?

- Meia hora com ele...

- Bom, então, *aí já tem uma chance grande de você ter contaminado ele. A gente considera que uma interação acima de 15 minutos próximo a uma pessoa, tanto faz tá de máscara ou não, a pessoa já é uma pessoa que pode ter sido contaminada* (TOLEDO; REINACH, 2020, episódio 23, grifos nossos).

Com esse “teatrinho”, como definiu Toledo, o ouvinte pode ter uma noção mais geral de como fazer o contato dos infectados, conhecendo o passo a passo básico dessa metodologia. Ao longo do episódio, o cientista também reforçou as vantagens e possíveis dificuldades de fazer esse rastreamento.

Há que se pontuar, no entanto, que fazer um *podcast* de divulgação científica é desafiador, uma vez que nesse formato o jornalista não possui os recursos visuais do telejornalismo e do jornalismo impresso, por exemplo. Assim, exige-se mais criatividade e eloquência para realizar o que Costa Bueno chama de “decodificação” da informação científica. Nesse formato, também é indispensável a *escuta atenta* do ouvinte, o que pode ser um desafio a depender do assunto tratado. No décimo sexto episódio, por exemplo, Reinach e Toledo comentaram uma pesquisa cujo intuito era avaliar a chamada “imunidade de rebanho” na capital paulista (unidade a.1).

Toledo abriu a comunicação dizendo ao ouvinte que, segundo uma pesquisa realizada em São Paulo (coordenada pelo próprio Reinach), a taxa de reprodução do vírus na cidade era de 1,88: “isso significaria, então, que se no dia 17 de maio havia 38.605 casos, duas semanas depois, tudo mantido como está, a gente teria 72.577 casos no dia 31 de maio, 136.446 no dia 14 de junho” (TOLEDO, 2020, episódio 16). O apresentador precisou recuperar o fôlego para completar a informação, insistindo na grande dimensão de infectados que a cidade teria.

Depois dessa introdução cheia de contas e números, Reinach explicou o conceito da imunidade de rebanho: “tem uma formulazinha que diz o seguinte: que a fração da população que tem que ser infectada pra ter a imunidade de rebanho é igual a um menos uma fração que é um sobre o  $R=0$  do vírus (...)” (REINACH, 2020, episódio 16). O episódio seguiu nessa toada de números, contas, porcentagens, conceitos e ressalvas do pesquisador. Tudo isso deixou o episódio mais denso, com um volume maior de informações e detalhes. Esses dados “mais brutos”, embora necessários de serem conhecidos e debatidos, podem dificultar a assimilação, sobretudo porque o ouvinte não conta com recursos visuais “de apoio” e o nível de atenção exigido dele é muito alto.

Notamos ainda que o *Luz* foi criado para debater exclusivamente os estudos sobre o novo vírus e as possíveis formas de combatê-lo. Dessa maneira, há um grande volume de episódios debatendo estudos e pesquisas feitos durante a pandemia. Os seis primeiros programas explicam aspectos mais específicos do novo coronavírus, como métodos de testagem, possíveis tipos de vacinação, o conceito e a importância da imunidade de rebanho, as taxas de contaminação do vírus e de mortalidade da doença covid-19 e a experiência e resultados de países europeus no enfrentamento do surto de SARS-CoV-2. Toledo e Reinach debateram também a transmissão do vírus por assintomáticos, o que a ciência sabia sobre a durabilidade da resposta imunológica e sobre a possibilidade de existirem pessoas “naturalmente” imunes ao vírus.

*A priori*, portanto, o *Luz* debate estudos e resultados científico, ou o que a ciência tinha construído de conhecimento até o momento sobre o novo vírus. Entretanto, com o passar das semanas, percebe-se um avanço do que chamamos de “contextualização” (unidade a.4), isto é, os debates não se restringem apenas à produção científica em si, mas enveredam em pautas sobre história e filosofia da ciência, economia e geopolítica. Há

também uma abordagem mais específica sobre a ciência no contexto da pandemia (unidade a.2). Assim, o programa ganha complexidade e diversidade de informação, configurando-se como um exemplo positivo de jornalismo científico em tempos pandêmicos.

Um dos exemplos disso que se fala é o episódio do dia 8 de maio (*Máscara da discórdia*) sobre o uso de *máscaras caseiras* que gerou um debate mais aprofundado sobre o rigor e modo de produção científicos. Reinach debateu um relatório da *Royal Society of London*, realizado a partir da *revisão de papers*. Nesse trabalho, os cientistas afirmavam que, na literatura científica, *até aquele momento*, não havia nenhum dado dizendo que as máscaras caseiras eram eficientes, mas tampouco havia estudos dizendo que não eram eficientes. No entanto, os cientistas que assinaram o relatório decidiram recomendar o uso das máscaras caseiras, gerando polêmica na comunidade científica. Reinach explicou o porquê:

os cientistas são muito puristas nessas coisas, né, porque é muito sério pra ciência quando uma coisa que não é provada nem de um jeito nem do outro passa a virar uma verdade científica. Isso incomoda muito os cientistas (...). O problema é que, na ciência, quando você faz uma pergunta dessa 'essas máscaras protegem ou não protegem', você descobre que *ce* não tem dados nem que elas protegem, nem que elas não protegem, isso leva a ciência a fazer essa pesquisa (...) essa é a maneira clássica de operar na ciência (REINACH, 2020, episódio 12).

Reinach pontuou que a contestação dos cientistas estava certa, justamente porque não havia nenhuma *evidência científica* de que as máscaras caseiras poderiam ajudar a prevenir a transmissão do vírus. Quatro dias depois, em 12 de maio, um novo episódio foi veiculado e o biólogo debateu uma pesquisa publicada na *American Chemical Society* que sinalizava, *com base em experimentos*, que as máscaras caseiras poderiam ser bastante eficientes desde que fossem feitas com tecidos específicos (seda pura e algodão de 600 fios por polegada) e tivessem boa vedação. Para os ouvintes que acompanharam os programas à medida que foram ao ar ficou claro que o jornalista e o cientista não erraram, tampouco inventaram qualquer informação sobre as máscaras não serem eficazes, eles apenas constataram as evidências científicas existentes naquele momento.

Os debates sobre o desenvolvimento de vacinas também são bons exemplos da ampliação temática do programa. Para tratar desse assunto, uma das fontes mais frequentes foi Thiago Carvalho, imunologista da Fundação Champalimaud de Portugal. Carvalho explicou, por exemplo, quais as fases dos estudos vacinais, as principais tecnologias utilizadas para a imunização contra o SARS-CoV-2 e quais as vantagens e possíveis desvantagens de cada uma. No entanto, ele também abordou questões inerentes à fabricação e ao abastecimento para os diversos países, tangenciando, assim, aspectos econômicos e geopolíticos. Com isso, ele fez o ouvinte pensar quando e com quais condições a população mundial vai ter a vacina disponível:

Diferentes tipos de vacinas vão ter também diferentes capacidades de produção em larga escala (...) se é uma vacina que tem que ser refrigerada, como é que vai ser *pra* chegar de repente em tudo quanto é lado ao mesmo tempo? (...) quanto mais difícil, mais caro e *mais exigindo* não só a seringa, mas alguém que dê a injeção, etc. e tal muda tudo... mais nós vamos ter que ter estratégias inteligentes focadas de distribuição, de reação a focos, de proteger pessoal essencial, etc. (CARVALHO, 2020, episódio 14).

Em um dos episódios, Carvalho criticou também o que chamou de “ciência por press-release” feita durante a pandemia (unidade a.2), isto é, os laboratórios farmacêuticos que anunciam avanços nas pesquisas vacinais sem apresentar os dados em *papers*. Uma crítica similar foi feita por Reinach no episódio sete, *A ciência virou BBB*. Nesse programa, o cientista comentou que durante a pandemia houve um aumento acentuado de publicações, muitas das quais sem passar por um processo de revisão pelos pares (que é, por si só, um procedimento lento, mas necessário para o controle de qualidade da ciência). Reinach alertou que a urgência da pandemia justifica a ânsia dos pesquisadores em divulgar os dados sem que passem por um processo mais rigoroso de revisão, no entanto, como são utilizados para embasar decisões sanitárias e médicas, a perda da qualidade dos trabalhos científicos poderia ser fatal.

Lembrando o caso da cloroquina e da azitromicina, que foram divulgados por comunicadores e líderes políticos como “panaceias” para a covid-19 e mesmo como remédios preventivos ao novo coronavírus, Reinach criticou os veículos de comunicação que, muitas vezes, divulgam notícias sem a devida sustentação em evidências científicas:

(há) muitas notícias saindo *pra* todo lugar, mas a grande maioria delas não é baseado (sic) em trabalhos científicos checados, rechecados e publicados (...) Todas essas notícias dão um ruído enorme e de certa maneira destroem um pouco aquela credibilidade sólida da ciência que é muito importante preservar. E aí você tem manipulação política em cima de uma notícia ou de outra, *cê* começa a ter todo tipo de problema (REINACH, 2020, episódio 7).

Ao lembrar a visibilidade que parte da mídia pode dar a rumores, boatos e mesmo à desinformação, a fala de Reinach reforça a posição da Organização Mundial da Saúde e das Nações Unidas de que o papel do jornalismo profissional é imprescindível para conter o espalhamento de desinformação e da infodemia.

Especificamente quanto a esse aspecto é importante lembrar as ponderações de Gunther Eysenbach em seu artigo *How to fight na infodemic: the four pillars of infodemic management*. Para esse autor, divulgar informações e dados científicos não deve ser a única forma de combater a epidemia de desinformação. Isso porque, nas pandemias, os fatos científicos (e jornalísticos) tendem a ser sempre “as melhores evidências em determinado momento” (*the best evidence at a time- BETS*). Como os fatos se alteram constantemente, as recomendações podem parecer contraditórias e o público pode ficar ansioso, impaciente e desconfiar da ciência, dos cientistas e dos próprios jornalistas.

Para Eysenbach, além de investir em *fact checking* e na divulgação das informações mais precisas, é imprescindível que a própria tradução dessas informações seja rigorosa, no sentido de não dar margem para imprecisões e eventuais desinformações. Um terceiro pilar que Eysenbach elenca, para conter as infodemias, seria a criação de “enciclopédias digitais” que serviriam como uma base de dados para os diferentes públicos acessarem e interpretarem os dados científicos, reduzindo também os problemas da tradução. O quarto e último pilar seria o desenvolvimento e aprimoramento do que o autor chama de “infodemiologia” e “infovigilância” que, em linhas gerais, seriam formas de monitorar o tipo de informação sobre saúde que os internautas pesquisam e consomem na internet. Com isso, políticas públicas de saúde e também de comunicação poderiam ser desenvolvidas e pensadas a partir dessas demandas.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TEMPO DA CIÊNCIA X O TEMPO DO JORNALISMO

Na “Era da Informação” o ritmo é ditado pelo imediato. Do ponto de vista do jornalismo, sabe-se que essa instantaneidade alterou tanto a produção quanto o consumo de notícias: sobretudo durante a pandemia, as informações nos chegam, minuto a minuto, pelos smartphones, pelas redes sociais e muitos jornalistas (na ânsia do furo, ou do engajamento) podem produzir conteúdo sem amparo em dados científicos. Diante desse ritmo acelerado e da busca insistente pelo envolvimento da audiência, a ciência, com seu fazer mais cauteloso, suas idas e vindas constantes, parece ser “de outro tempo”. José Aparecido de Oliveira e Isaac Epstein, em artigo de 2009, comentam o seguinte:

A tarefa do jornalismo científico, de divulgar os avanços da ciência e satisfazer a curiosidade do público leitor, possui um tempo diametralmente mais curto que o tempo da ciência. Enquanto esta precisa de anos para produzir novas terapias e medicamentos, aquele pretende *noticiar agora*, no mínimo, o potencial terapêutico de um novo procedimento ou fármaco (OLIVEIRA; EPSTEIN, 2009, p. 425, grifo nosso).

Fernando Reinach, no sétimo episódio do podcast *Luz no fim da quarentena*, apresentou argumento similar a Oliveira e Epstein. Para o biólogo, a ciência tem a tradição de “andar devagar, mas construir um caminho sólido” (de conhecimento) (REINACH, 2020, episódio 7). E durante a pandemia esse embate de temporalidades ficou ainda mais evidente. Apesar disso, ciência e jornalismo devem caminhar juntos e para esmorecer a “epidemia informacional” que (não é exagero dizer) tem desempenhado papel crucial na manutenção de desigualdades socioeconômicas e culturais à medida que influencia, por exemplo, processos eleitorais e, conseqüentemente, políticas públicas socioeconômicas e sanitárias.

Diante da crescente eficiência de redes de desinformação e do espalhamento da infodemia, é essencial que o jornalismo profissional, “guardião” do interesse público, ajude

a aproximar a ciência da sociedade, mostrando-lhe como é o *fazer da ciência*. Ademais, em um país extremamente desigual como o Brasil é necessário que jornalistas e cientistas pensem em diferentes estratégias de divulgação de ciência para os diferentes estratos sociais, porque, assim como o SARS-CoV-2, o vírus da desinformação também atinge de formas diferentes as diversas classes sociais no país.

Nesse sentido, é possível avaliar como positivo o trabalho do *Luz no fim da quarentena* ao se preocupar não apenas em divulgar as informações científicas sobre o novo vírus, mas também em debater aspectos intrínsecos e extrínsecos à ciência, como o *fazer da ciência*, seus padrões éticos, sua temporalidade, além de questões geopolíticas e econômicas que impactam o campo. Deixar a população bem informada sobre esse *modus operandi* ou sobre a dinâmica da ciência, como disse Sylvie Briand, parece tão importante quanto falar sobre os resultados ou os “achados científicos” em si e por isso o podcast é um bom exemplo de jornalismo científico em tempos pandêmicos.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n.1 esp., p.1-12, 2010.

CASTELFRANCHI, Yuri. Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. In: **Los desafíos y la evolución del periodismo científico en Iberoamérica. Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia en los medios masivos**. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia): AECI, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008. 128p.

EYSENBACH, Gunther. How to fight and Infodemic: the four pillars of infodemic management. **Journal of Medical Internet Research**. Disponível em < <https://www.jmir.org/2020/6/e21820/pdf> >.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

OLIVEIRA, José Aparecido de; EPSTEIN, Isaac. Tempo, ciência e consenso: os diferentes tempos que envolvem a pesquisa científica, a decisão política e a opinião pública. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, v.13, n.29, p. 423-433, abr./jun. 2009.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 5: Retardo fatal. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 14 de abril de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 7: A ciência virou BBB. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 20 de abril de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 12: Máscara da discórdia. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 8 de maio de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 14: Melhor vacina é não parar por ela. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Thiago Carvalho. [s.l]: **rádio piauí**, 15 de maio de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 16: Sem chance para errar. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 20 de maio de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.]

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 23: Como rastrear o vírus você mesmo. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 9 de 2020.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do Discurso 100, 105, 113, 115, 122, 271, 274, 276, 279, 281

Audiovisual 74, 76, 77, 84, 174, 200, 201, 206, 216, 239, 289, 295, 307, 320, 321, 322, 327, 328

### C

Ciberfeminismo 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145

Comunicação 1, 17, 21, 33, 34, 47, 58, 59, 60, 74, 75, 76, 98, 99, 111, 113, 123, 134, 135, 136, 139, 146, 147, 156, 157, 158, 173, 174, 175, 183, 184, 186, 196, 197, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 250, 253, 256, 257, 258, 260, 269, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290, 291, 296, 306, 317, 318, 326, 328, 329

Comunicação Visual 60, 161

Conhecimento 21, 23, 27, 30, 31, 32, 38, 51, 53, 65, 70, 71, 74, 76, 95, 98, 114, 121, 139, 141, 179, 187, 204, 210, 212, 214, 218, 222, 223, 230, 235, 237, 238, 243, 246, 250, 259, 261, 262, 263, 265, 268, 274, 298, 299, 318, 319, 323, 325

Construção 21, 37, 49, 55, 56, 73, 77, 87, 94, 97, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 113, 119, 120, 121, 123, 124, 127, 133, 138, 140, 141, 142, 168, 210, 212, 214, 234, 235, 236, 239, 240, 241, 242, 243, 250, 255, 259, 271, 272, 273, 281, 286, 312, 318, 319, 323, 325

Convergência 21, 27, 34, 36, 37, 47, 58, 73, 75, 98, 141, 204, 212, 262, 281, 282, 321, 327

Coronavírus 48, 50, 51, 52, 53, 56, 188, 189, 195, 205, 245, 246, 248, 249, 254, 256, 258, 259, 260, 263, 265, 267, 319

Critério de Noticiabilidade 86

### D

Deepfakes 60, 70

Desigualdades 22, 113, 117, 122, 268

Desinformação 51, 58, 60, 68, 258, 259, 267, 268, 269

Dilma Roussef 123

Discurso Político 100, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112

### E

Educação 4, 10, 17, 39, 50, 59, 71, 74, 76, 78, 79, 84, 92, 100, 108, 109, 110, 121, 185, 198, 207, 208, 210, 221, 225, 227, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 250, 253, 256, 269, 285, 286, 287, 288, 296, 310, 318, 319, 320, 326, 327, 328, 329

Ethos 100, 104, 105, 107, 108, 109, 111

## **F**

Fake News 48, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 68, 72, 76, 116

## **G**

Gênero 93, 99, 108, 110, 113, 114, 115, 117, 121, 122, 139, 142, 145, 180, 286

Greimas 113, 115, 116, 118, 121, 122

## **I**

Imaginários 100, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 176

Informação 21, 24, 26, 33, 35, 37, 38, 40, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 55, 57, 58, 62, 63, 65, 67, 69, 71, 75, 76, 78, 79, 83, 92, 96, 97, 102, 117, 118, 120, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 148, 155, 156, 180, 187, 196, 197, 210, 211, 213, 214, 223, 224, 228, 229, 235, 236, 237, 238, 240, 242, 244, 245, 246, 253, 254, 255, 261, 263, 265, 266, 268, 269, 272, 273, 275, 281, 282, 287, 300, 318, 319, 323, 325, 326, 328

Inteligência Artificial 60, 64, 65, 66, 67, 301

## **J**

Jair Bolsonaro 52, 90, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 205

Jornalismo 33, 34, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 72, 74, 76, 77, 84, 86, 87, 88, 95, 96, 98, 99, 114, 136, 146, 187, 212, 213, 226, 231, 233, 234, 236, 237, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 273, 276, 281, 282, 283, 285, 286, 288, 289, 296, 318, 320, 321, 324, 327, 329

## **M**

Mídias Sociais 35, 52, 57, 63, 68, 86, 91, 98, 113, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 159, 166, 208, 209, 215, 216, 217, 219, 299, 321

Moda 123, 124, 125, 129, 130, 131, 134, 136, 137, 139, 144, 145, 178

## **N**

Narrativas Jornalísticas 21, 95, 98, 273, 277

## **P**

Pandemia 22, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 151, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 205, 245, 246, 248, 249, 250, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 319, 320, 321

Participação 10, 16, 21, 23, 25, 26, 96, 111, 141, 145, 146, 184, 205, 210, 212, 214, 219, 227, 228, 234, 237, 238, 240, 242, 253, 254, 293, 294, 295, 302, 319, 320, 321, 322, 323, 325, 327

Política 1, 2, 4, 5, 7, 8, 14, 15, 24, 39, 50, 51, 58, 68, 70, 71, 72, 92, 100, 102, 103, 104,

110, 111, 114, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 133, 136, 140, 176, 183, 204, 211, 235, 238, 259, 261, 267, 269, 274, 277, 278, 279, 280, 282, 297, 298, 300, 303, 304, 305, 310

Pós-Verdade 48, 52, 54, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 72

## **R**

Rede Social 34, 35, 37, 44, 45, 46, 70, 92, 93, 138, 159, 160, 162, 169, 203, 217

Remediação 34, 35, 36, 46, 47

## **S**

Semiótica 62, 72, 113, 122, 134, 329

## **T**

Tejornalismo 74, 76, 77, 78, 84, 85, 265, 290

Televisualidades 74, 77, 78, 84, 85

Teorias do Jornalismo 86, 87, 98

Twitter 23, 50, 52, 70, 88, 89, 111, 113, 114, 115, 120, 121, 135, 136, 141, 142, 143, 144, 150, 152, 153, 157, 160, 162, 167, 169, 171, 306, 307, 309, 310, 315, 316

## **V**

Valores Jornalísticos 48, 50, 51, 54, 56, 57, 58, 59

Valor-Notícia 34, 38, 41, 86, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 98

Vínculos Sociais 21, 28

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 